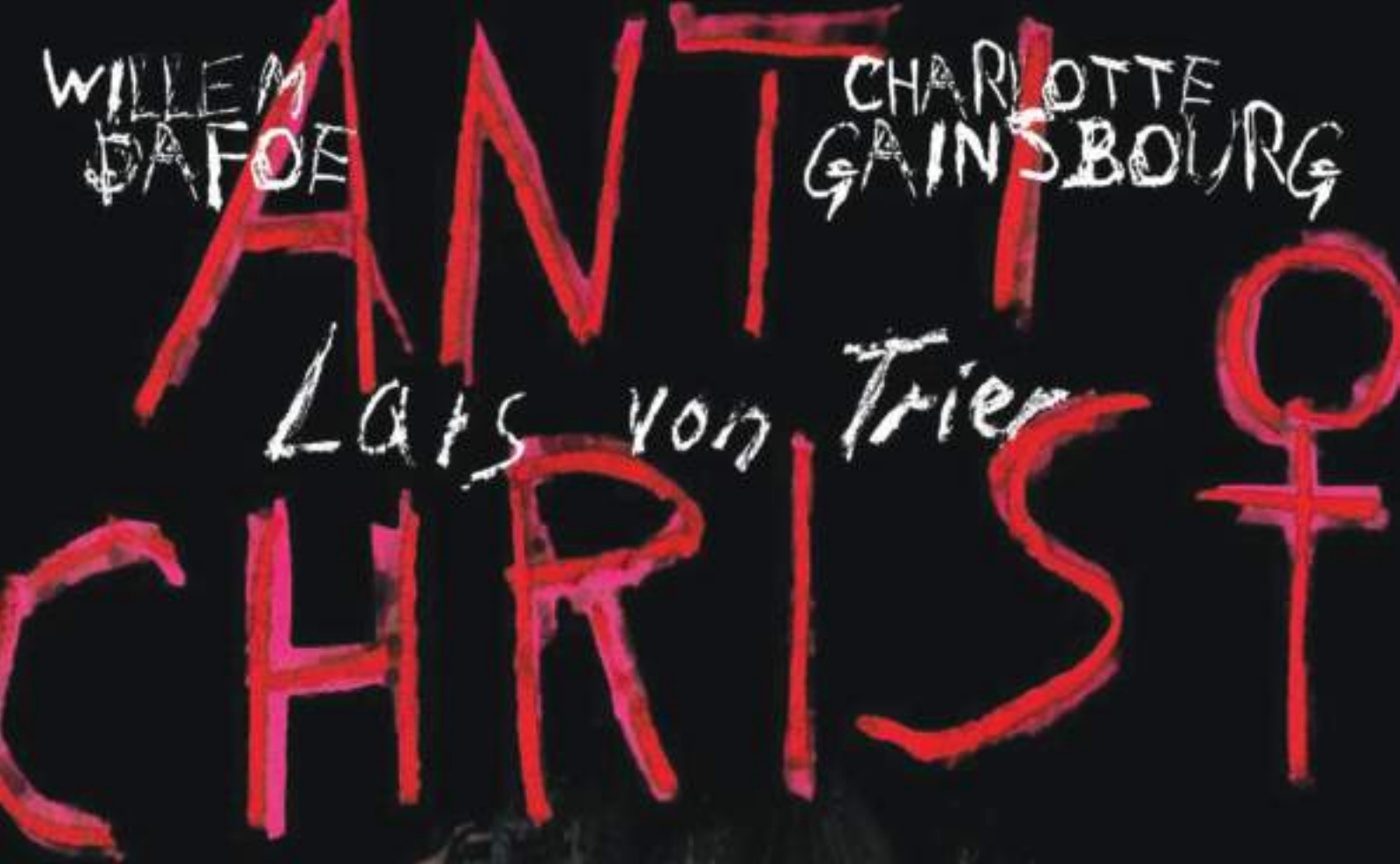




Os sapatinhos tortos de Lars Von Trier: O Anticristo

Walter Cezar Addeo

*Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo.
Membro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte.*

A mais antiga estatueta representando uma mulher é a chamada “Vênus do Paleolítico”. Ela ainda impressiona até hoje com seus seios imensos. Suas ancas e coxas enormes e fortes. E ela não tem olhos. Olha para si mesma, para baixo, para seu ventre poderoso. Quem a fez, 30.000 anos atrás, aproximadamente, (no caso de ter sido um homem), evidentemente estava possuído por um misto de desejo e temor dessa mulher maior do que ele.

Certamente foi o mistério da maternidade, exclusiva das mulheres, que deve ter colocado um impasse para o psiquismo masculino. Afinal, eles não têm essa capacidade. E ainda dependem de suas mães durante grande parte de suas vidas até que se tornem autônomos. Por algum motivo, essa dependência e o reconhecimento desse poder de gestação das mulheres passou a ser um perigo para sua autonomia psicológica, apesar de ser uma necessidade biológica incontornável.

Que a mulher tenha este dom de gerar uma vida nova dentro dela por longos meses, fazê-la aparecer no mundo e alimentar esse novo ser com seu próprio corpo até que se torne auto-suficiente, este poder, realmente, o homem não tem. Ele depende da mulher para sua entrada no mundo. As mulheres podem permutar esse poder entre elas de geração em geração. O homem não. Então é preciso cercear esse poder do feminino de algum modo. É o que fizeram por toda a história da civilização. Leis sociais transformaram a mulher numa cidadã de segunda classe, num ser eternamente tutelado pelo masculino. Passavam da tutela do pai para a do marido. Se o pai não existisse mais, ficavam sob a tutela de um irmão mais velho ou de um tio. Se mesmo as crianças do sexo masculino cresciam e se tornavam autônomas, as mulheres nunca conseguiam esse status em suas vidas. A tutela masculina se manteria para elas do berço ao túmulo. O movimento feminista no ocidente começou a discutir e repensar o papel do feminino dentro da sociedade. Simone de Beauvoir criou uma frase de luta forte – “A mulher é o negro do mundo”, aliando a luta feminista a dos negros por direitos civis. Mesmo com o avanço dessa emancipação feminina, no chamado ocidente cristão, isso não impede que elas ainda tenham que lutar em todas as frentes por salários melhores, cargos de chefia, respeito nos espaços públicos e ainda tenham que se proteger da violência masculina contra seus corpos. Nas regiões onde o fundamentalismo islâmico se impôs como uma teocracia política, elas voltaram às condições patriarcais de submissão e opressão. Ainda são apedrejadas até a morte em caso de delitos julgados exclusivamente por tribunais masculinos. Textos religiosos são utilizados contra elas. Na Bíblia judaica ela é responsável pelos tormentos da humanidade ao induzir Adão a desobedecer a Deus. Em todos os textos antigos ela deve sempre estar abaixo do homem. Sua condição secundária é então uma questão teológica. Os homens escreveram esses livros e os sancionaram. Elas não tiveram como se fazer ouvir nesse mundo de escrita e textos falocráticos por excelência. Tiveram que agir nas bordas do sistema, aproveitando todas as frestas possíveis para garantir um pouco de autonomia e respeito. Mas, praticamente desapareceram da história

oficial. Constituíram-se numa população invisível enquanto os homens construíam a civilização. Eram meras coadjuvantes cuidando eternamente da casa, dos filhos, servindo de servas obedientes aos maridos e os acompanhando silenciosas nas grandes migrações que povoaram o planeta. Algumas se rebelaram. Foram duramente punidas por isso. Dialeticamente, durante a história, o homem foi se transformando no mal absoluto para as mulheres, conjurando assim o medo abissal que eles tinham do poder feminino da Grande Mãe.

Se o mal feminino foi conjurado por leis sociais severas, aquele antigo medo do feminino, forjado na noite dos tempos, recolheu-se nas zonas do inconsciente masculino. O pequeno homem que cabe inteirinho no ventre de uma mulher ainda tem medo desse poder. Permaneceu nele uma visão do feminino como uma espécie de mal a rondar o mundo masculino. Se a história da civilização é um pouco a história do cerceamento social das mulheres e de como elas foram colocadas a serviço do masculino, sobrou sempre um resto indizível desse medo nunca totalmente exorcizado. A Grande Mãe ainda ronda a noite do masculino e o inquieta sempre.

Os gregos criaram um mito para explicar e sublimar esse medo atávico. Criaram a Górgona, uma mulher com cabelos aureolados de serpentes vivas. Seu olhar petrificava o guerreiro que a olhasse de frente. É o emblema de uma vagina-dentada que pode castrar o homem. Terror abissal do masculino. Ser castrado. É preciso cortar essa cabeça. Perseu o fará, utilizando-se de um escudo que é um espelho. Olhará a Górgona através dele e a matará. Supremacia do poder e do engenho masculino contra o feminino. O mito apazigua o inconsciente coletivo dos homens. Mas alguma coisa sobra, não morre com a decapitação da Górgona. Para isso é preciso reler outro mito. O mito de Tirésias. Nele, o poder do feminino novamente se impõe contra os homens. Agora no terreno explícito da sexualidade. Tirésias revela que a mulher tem mais prazer que o homem na relação sexual. A deusa Hera o punirá severamente por ter revelado esse segredo. Mas os homens sabem disso. Ela possui orgasmos múltiplos. Os homens não a podem acompanhar neste terreno. Reaparece a figura atemorizante de uma mulher incansável que esgota os homens.

O ANTICRISTO OU O ANTIFEMININO

Reencontramos novamente esse medo do feminino terrível no filme “O ANTICRISTO” de Lars von Trier. Novamente os dois gêneros se enfrentam e se transformam em malignidade pura. Falemos de uma vez. As cenas em que a mulher se auto-mutila genitalmente, a cena em que tenta castrar explicitamente o marido impactam realmente o espectador. Mas isso são apenas cenas de horror explícito que o cinema sabe fazer com maestria. Não é aí que reside o mal-estar que o filme causa. Já vimos outras cenas piores e mais fortes no cinema. Então onde é que está o incômodo que perpassa o filme e gruda no espectador quando ele sai da sala? É a presença do Mal como entidade real no mundo. Em “O ANTICRIS-

TO” ele está personificado na mulher. Na própria esposa. Na companhia que deveria ser seu apoio. O mal está na cama do casal e dentro de casa. A Górgona está de volta e Perseu desta vez não tem um escudo-espelho a protegê-lo. E a mulher dirá que “a natureza é a igreja de Satã”. A raposa estripada repetirá que “o caos reina”. Esta natureza má será imediatamente associada a uma natureza feminina igualmente má. A mulher, mais uma vez, será a causa eficiente pela qual o Mal irá atingir o mundo e os homens. Mais uma vez essa mulher que dá entrada a uma natureza malévola, caótica, colocando em perigo a racionalidade masculina, deverá ser morta e queimada. No filme, a grande fogueira reaparecerá. Mas, da floresta, no final, surgem novas legiões de mulheres a invadir o mundo masculino. Nenhuma fogueira poderá acabar com o poder das mulheres e o homem mutilado e ferido simplesmente observa impotente.

Não é preciso muita exegese para se perceber o primarismo reacionário do filme de Lars von Trier. Não são somente os sapatinhos do filho que estavam trocados, causando um defeito físico proposital nos pés da criança. O lugar do Mal também está deslocado, causando um dano muito maior. Ao criar uma entidade ontológica, fora do humano, que estaria à solta no mundo e ao fazer novamente da mulher seu veículo ideal para intervenções cruéis na sociedade dos homens, Von Trier recupera o velho argumento que ajudou a acender fogueiras onde mulheres eram queimadas vivas por serem feiticeiras, adeptas e amantes do maligno.

A modernidade conseguiu (explicitamente com Freud e indiretamente com Darwin) mostrar que se a violência e o excesso existem, eles são heranças de um protopsiquismo arcaico, herdados de nossas origens primatas. Compõem nossa dualidade psíquica. Eros e Tânatos integram dentro de nós. Cabe a razão humana administrar essas duas pulsões, uma vez que elas não podem desaparecer, pois desapareceria o humano junto com elas. Retirar o Mal de dentro do homem e recriá-lo como entidade separada apenas nos faz, novamente, dependentes dos gerenciadores do Mal no mundo, daqueles que podem conjurar o Mal. Sabemos que esses gerenciadores, em todas as religiões surgidas dentro da cultura, são sempre as igrejas e seus sacerdotes. Cabem a eles zelar para que o Mal não nos vença. Voltamos então a ser crianças tuteladas que dependem de quem nos proteja. Abdicamos de nós mesmos. Abdicamos de controlar nossas forças pulsionais. Perdemos nossa autonomia e autarquia. Estamos novamente usando sapatinhos trocados e nos deformando com eles. Neste sentido, o filme de Von Trier é extremamente reacionário. Mas o que se pode esperar de quem foi um dos inventores do DOGMA, um movimento cinematográfico que pregava à volta a um cinema tecnologicamente arcaico, esquecendo-se de que é intrínseco ao cinema ser uma arte eminentemente tecnológica e que depende sempre da acumulação dessa tecnologia?

O Anticristo, se existir, não está solto no mundo, está sempre dentro de cada um de nós se não soubermos fazer continuamente uma auto-análise rigorosa de nosso tempo. Nossas ações erradas introduzem o mal e

a crueldade dentro da sociedade. Só outras ações podem reverter o mal que nós mesmos inventamos. Atribuir à natureza e à mulher a origem desse mal foi a forma que os homens encontraram para se eximir de si mesmos.

No paganismo a natureza estava cheia de deuses e semideuses. Habitavam os campos, as fontes, as árvores muito antigas, os bosques sagrados, enfim, andavam pelo mundo. Se o mundo grego era um espaço povoado de divindades diversas, a filosofia grega, com rara percepção psicológica, colocou o Mal dentro mesmo do coração dos homens. O mundo não o gerava. Ele era sempre um fruto humano. Demasiadamente humano, para usarmos uma expressão nietzscheana. A filosofia grega deixou, portanto, ao critério dos homens a sabedoria para adquirirem autocracia e administrarem esse lado sombrio e perigoso da natureza humana.

No filme de Lars Von Trier, a fórmula grega se inverte e o diretor assume o ponto de vista judaico-cristão. O Mal agora está lá fora, no mundo, e a natureza e a mulher são seus veículos. A mulher introduziu o Mal no mundo a convencer Adão a desobedecer a Deus e provar da Árvore do Bem e do Mal. Ocasinou a expulsão do homem do Paraíso a ele destinado. Expulsos para o mundo, este é um lugar de expiação, de sofrimento. O cristianismo ao tornar-se religião hegemônica no império romano, a partir do edito de Constantino desalojou, portanto, os deuses gregos e transformou a terra inteira num lugar de provação. A nova religião introduz um Mal externo, solto no mundo em sua potência máxima e elegeu a mulher como sua porta de entrada. O filme “O Anticristo” é uma mera ilustração disso. Tese ruim, tese misógina. Melhor seria se voltássemos à tese grega e considerássemos o coração humano como o lugar de onde surge todo o Mal e todo o Bem no âmbito social. Há um “coração das trevas” e um “coração iluminado” em todo homem. E é sempre o mesmo coração. Somente a partir de nós mesmos podemos administrar, prudentemente, essa nossa herança. Afinal, o homem se faz a cada ação e somente através delas. Só as ações humanas podem riscar o real e exorcizar o Mal. Ou aprendemos ou sucumbimos a nós mesmos. Homens e mulheres, juntos, nesta aventura em busca do humano em nós. Algo a ser construído o tempo todo.

A natureza? Bem, a natureza cuida de sua própria potência e energia, utilizando um algoritmo próprio. Não é boa nem má. É de onde brota o esplendor da vida em todas suas admiráveis formas. É de onde surge o ser humano. Só neste espaço do humano é que podemos considerar categorias como as do Bem e do Mal. Somos em última análise os únicos responsáveis por todo o bem e por toda malignidade existente no espaço social que construímos para viver. A filosofia grega fez bem em colocá-los dentro mesmo do coração dos homens e nunca fora dele. Lição que o filme de Lars von Trier desconhece por completo.

REFERÊNCIA

TRIER, Lars Von. **O Anticristo** (ANTICHRIST, 2009) Elenco: Willem Dafoe – Charlotte Gainsbourg.